

## A CRISE DA ESCOLA TRADICIONAL: REVISITANDO JUAN TEDESCO

PEREIRA, Gilvan Elias<sup>1</sup>

*doi: <https://doi.org/10.17648/1678-0795.momentum-v20n20-362>*

### RESUMO

Este ensaio tem por objetivo retomar reflexões propostas pelo sociólogo argentino Juan Carlos Tedesco em seu livro “O novo pacto educativo”, em particular no capítulo 2 – “A crise do sistema tradicional” –, trazendo, para tanto, algumas de suas ideias para o cenário atual, com destaque para a questão da quebra do monopólio da escola enquanto agência de saber e da questão referente ao déficit de socialização vivido pela sociedade atual em face das dificuldades de agentes socializadores, em especial a escola e a família, diante de uma realidade de incertezas e abundância de tecnologias de conhecimento e interação social. Ao final ficam em aberto para novas discussões os desafios da escola em um mundo de incertezas, não como uma fase passageira, mas como uma característica inerente à sociedade atual, o que envolve repensar o conceito de coesão social usado por Tedesco com base em Emile Durkheim.

**Palavras-chave:** Escola moderna. Coesão social. Déficit de socialização.

### ABSTRACT

This essay aims to resume reflections proposed by the Argentine sociologist Juan Carlos Tedesco in his book “The new educational pact”, in particular in chapter 2 - “The crisis of the traditional system”, bringing some of his ideas to the scenario current, with emphasis on the question of breaking the monopoly of the school as an agency of knowledge and the question regarding the socialization deficit experienced by today's society in the face of the difficulties of socializing agents, especially the school and the family, in the face of a reality of uncertainties and abundance of technologies of knowledge and social interaction. In the end, the challenges of school in a world of uncertainties are left open for further discussion, not as a passing phase, but as an inherent characteristic of today's society, which involves rethinking the concept of social cohesion used by Tedesco based on Emile Durkheim.

**Keywords:** Modern school. Social cohesion. Socialization deficit.

---

<sup>1</sup> Doutor em Língua Portuguesa pela PUC-SP  
Professor do Centro Universitário UNIFAAT  
[gilvan.pereira@unifaat.edu.br](mailto:gilvan.pereira@unifaat.edu.br)

## INTRODUÇÃO

Este ensaio tem por objetivo retomar reflexões propostas pelo sociólogo argentino Juan Carlos Tedesco<sup>2</sup> em seu livro “O novo pacto educativo”, em particular em relação ao capítulo 2, “A crise do sistema tradicional”, trazendo, para tanto, algumas de suas ideias para o cenário atual, quase 30 anos após a publicação da primeira edição, em 1995, na Espanha, a despeito de suas reflexões serem ainda muito atuais e importantes.

Trata-se de uma reflexão livre, que busca seguir algumas trilhas propostas pelo próprio Tedesco agregando aspectos da sociedade atual e dando mais amplitude a alguns pontos de seu pensamento, como aspectos que envolvem a ideia de coesão social, cujo conceito Tedesco buscou na sociologia de Emile Durkheim.<sup>3</sup>

O trabalho apresenta algumas questões marcantes do mundo contemporâneo para, de certo modo, mostrar a atualidade das reflexões de Tedesco, principalmente no que se refere à quebra do monopólio da escola enquanto agência de saber e ao déficit de socialização vivido pela sociedade contemporânea em face das dificuldades de agentes socializadores, como a escola e a família, que vêm perdendo capacidade para transmitir com eficácia valores e normas de coesão social.

### Desafios da escola no mundo atual

Segundo Edgar Morin (*apud* FURLANETO, 2019), o papel da educação, dentre tantos outros, é o de ajudar os alunos a enfrentarem problemas da vida. Isso de uma forma geral, mas sobretudo num mundo em crise, em uma realidade planetária e local repleta de complexidades e incertezas. Nessa perspectiva, e nesse quesito, pode-se dizer desde já que a escola de ontem não serve para hoje.

Muitos lamentam que a escola de hoje não seja mais a mesma do passado, sendo que alguns, em tom nostálgico, sonham com a escola em que estudaram e com o retorno dessa escola que, embora tenha ficado para trás, certamente naquele momento passado tenha respondido bem (ou não tão bem) a uma outra sociedade diferente da atual. Reconhecer a

---

<sup>2</sup> Nascido na Argentina em 1944, foi pesquisador e professor de várias universidades do país, colaborou com a UNESCO desde 1976, tendo sido diretor do Bureau Internacional da Educação da UNESCO, em Genebra. Em 2004 voltou para a Argentina e retomou as atividades universitárias. Publicou numerosos artigos e livros sobre as relações entre educação e sociedade. Em 2007 assumiu a pasta de ministro da educação da Argentina. Faleceu em 2017.

<sup>3</sup> Tedesco se refere ao livro de E. Durkheim intitulado “A educação moral”, no Brasil publicado pela Editora Vozes.

dinâmica social e sua irreversibilidade é fundamental para não se deixar levar pelo desatino de querer a escola de ontem no mundo de hoje.

De fato, a escola não é mais a mesma e não voltará a ser a mesma porque a sociedade já não é a mesma. Óbvio, mas não tão simples. A certeza diante de tantas reclamações e espantos sobre a incapacidade de a escola cumprir satisfatoriamente seu papel é também a certeza de que a escola tradicional, seletiva e elitista, está em crise em face de um cenário de transformações velozes e complexas.

Diante de tantas reclamações sobre o mau desempenho da escola, não da escola das elites e sim da escola da maioria da população de média e baixa renda, há uma “crise” da escola marcada, dentre outras coisas, pela falta de clareza de como se estruturar nesse cenário de mudanças e incertezas.

Parafraseando o sociólogo argentino (TEDESCO, 2001), não se trata de oferecer mais do mesmo, não se trata de a escola voltar a fazer bem o que supostamente fazia com êxito no passado, mas de achar o lugar da escola nesse novo contexto em que transborda tecnologia, nesse contexto em que a vida social e a perspectiva de futuro mudaram profundamente se comparado ao período da emergência da escola moderna no século XVII até sua consolidação no findar do século XIX.

A pergunta a ser respondida é: qual é a escola necessária hoje? Certamente que uma escola inclusiva e humanista, seja no sentido do incentivo à paz, seja com relação ao respeito à diversidade. Mas além desse perfil consensual, qual é a escola necessária para uma sociedade de incertezas, embates ideológicos socialmente desestabilizadores e mudanças rápidas movidas pelo interesse econômico, mas que afeta diretamente o modo de viver e a concretização da almejada coesão social?

Para pensar a relação da escola com o mundo atual, voltemos a Tedesco (2001), que afirma haver três áreas em que as mudanças em andamento são impactantes na educação: a) o mundo do trabalho (produção, serviços e consumo); as tecnologias da comunicação; a democracia política.

Na impossibilidade de ir mais longe, estes são alguns caminhos que podem oferecer pistas para se pensar o papel da escola, ou das escolas, no mundo atual marcado pelas características anteriormente citadas.

De modo geral, é inegável que estamos vivenciando, há algum tempo, a mudança de um sistema econômico não apenas voltado para o consumo de massas homogêneas, mas também para um sistema que abrange fortemente o consumo diversificado, que contempla minorias sociais ajustando-se, em parte, às suas expectativas e desejos. Trata-se de um modelo de

ampliação de consumo favorecido pelas novas tecnologias digitais que impactaram não só o sistema produtivo e de prestação de serviços, mas a sua interação com o consumidor em geral, especialmente com grupos e interesses específicos.

Se no capitalismo o ciclo de vida dos produtos sempre foi breve e efêmero, agora, mais do que nunca, as coisas são feitas para durarem ainda menos tempo, seguindo uma lógica de consumo sobretudo mais instantâneo e incessante. Se isso não é uma novidade, com certeza é uma dinâmica que tende a se intensificar com as tecnologias facilitadoras da circulação de mercadorias, de acesso a serviços e de interações sociais mais diversas e por vezes mais perniciosas. A necessidade do novo é tão veloz que não se resume apenas à precocidade das trocas de bens materiais, mas ao consumo de imagens e símbolos que fazem com que o usuário de aplicativos em smartphones, por exemplo, seja dominado pelo desejo insaciável de transitar de um conteúdo para outro de forma veloz e voraz. A cena de um usuário rolando a tela de seu smartphone de forma frenética é mais do que corriqueira.

Mas se de um lado temos o consumidor ávido por novos produtos e fantasias, de outro temos o trabalhador em situação cada vez mais precária, haja vista a chamada “uberização” do trabalho ou as investidas em pequenos negócios via aplicativos digitais, fenômeno de escape e resposta ao desemprego, mas que muitas vezes se apresenta “elegantemente” como uma ação de empreendedorismo a ser exaltada. O mesmo pode-se dizer sobre os serviços de entrega por aplicativos e assim por diante. São a precariedade e a insegurança do trabalho humano camufladas como iniciativas empreendedoras de sucesso.

Um campo muito explorado, principalmente por pessoas que querem sair do anonimato, são os blogs e canais em plataformas digitais, que a cabo, em grande parte, se apresentam como um meio de ganho financeiro. Tomando-se o cuidado de não generalizar, trata-se de uma atividade de monetização sem limites. Fenômeno interessante nessa linha, e impensável até recentemente, é a monetização da política, caracterizada pela opção de vereadores, deputados e outros políticos que criam canais digitais não para prestação de serviço, mas para entretenimento ou promoção de reality show, ou algo parecido, cujas finalidades são exclusivamente galgar grande número de inscritos e curtidas que venham a se converter em expansão da visibilidade e conseqüentemente em ganho monetário.

Outro aspecto importante a ser lembrado é a tendência da diminuição, quem sabe até a iminência de extinção, dos trabalhos intermediários. Há uma procura muito grande de trabalhadores altamente qualificados, assim como de uma multidão de trabalhadores desqualificados, para cuidar das tarefas indesejadas, difíceis, pesadas e por vezes depreciativas. A redução drástica de trabalhos com qualificações intermediárias, reduzidos em função das

tecnologias diversas de automação, compromete um segmento muito grande de trabalhadores, incluindo-se uma parcela da classe média.

Enfim, a presença de tecnologias na produção de bens e de prestação de serviços tem impacto na vida rotineira das pessoas causando grandes mudanças em seu comportamento no que se refere ao relacionamento social, assim como ao trabalho e ao consumo, dentre outras coisas. O assédio ao consumo, por exemplo, não está mais nas vitrines de lojas e anúncios de TV, está dentro de casa ou nas mãos daqueles que têm o smartphone como uma extensão de seu próprio corpo e mente. A perspectiva é que tais mudanças continuem em velocidade ainda maior, como os processos em andamento gerados pela automação, pela inteligência artificial, pela realidade virtual (incluindo o metaverso) e muito mais que está por vir.

Não muito diferente, a vida e a convivência política têm sofrido fortes efeitos não só com o avanço de movimentos focados na antipolítica, mas também com novas formas de fazer política via redes sociais e aplicativos, que abrem caminho para verdadeiras cruzadas das mais estranhas e perniciosas até o protagonismo de pessoas e grupos socialmente invisíveis. Ou seja, o embate político foi transformado de tal forma que de um lado se encontram pessoas e segmentos que não tinham voz e que agora ganham protagonismo, e, de outro, pessoas e grupos poderosos que dominam negativamente redes e plataformas usadas para a difusão de desinformações, propagação de ideias de ódio, guerra cultural etc.

Decorre, do exposto até aqui, que formar o cidadão hoje, uma das tarefas da escola moderna, não é mais como foi no passado.

A escola moderna, desde seu nascimento, mas principalmente após a Revolução Francesa, passou a ser central como agência de socialização e de formação cidadã e, portanto, responsável por cumprir o papel de fortalecimento da coesão social. A partir desse momento, a escola consolidou e articulou os princípios de nação, democracia e mercado e, concomitantemente, assumiu parte das tarefas que antes se concentravam na família e na igreja.

Concomitantemente, no dia a dia a escola, desde então, passaria a oferecer uma formação cultural favorável à coesão social ensinando com base em uma lógica formativa hierárquica de apresentação de conteúdos curriculares e de formação moral. Trata-se de um modelo de ensino que se baseava em um *continuum* rigoroso fundado na sequencialidade do simples para o complexo (TEDESCO, 2001). Em resumo, um dos papéis sociais da escola seria o de garantir a adesão às normas sociais, uma missão claramente conservadora que convive, facilmente, no plano formal, com ideias genéricas de inovação e transformação.

No final do século XX, a escola começa a sentir os impactos da mudança e um descompasso entre o modelo da escola moderna primitiva, que cumpriu importante papel na

consolidação da sociedade burguesa pós-Revolução Francesa e das novas demandas da sociedade globalizada pós-moderna. Fatores como a homogeneização cultural decorrente da globalização, a disseminação das novas tecnologias de relacionamento social e de acesso a conhecimentos, assim como o enfraquecimento do sentimento de nação (a despeito das reações ultranacionalistas e dos movimentos fundamentalistas dos últimos tempos) colocam em xeque o papel da escola segundo o modelo que funcionou bem (pelo menos para as elites) nos séculos XIX e XX.

A crise deste mundo de incertezas reflete-se na função homogeneizadora da escola e de outras instituições que vivenciam uma erosão de suas funções socializadoras. A escola, assim como a família, vem perdendo a capacidade para transmitir com eficácia valores e normas culturais de coesão social e favoráveis à homogeneização social. E isso não se deve simplesmente a uma falha da escola, mas a um processo de transformação social que tem causado fortes impactos na escola e na família em relação às suas funções de instituições centrais para com a estabilidade social.

Ainda que não se possa olhar a sociedade como um todo homogêneo e mesmo a escola como uma instituição única para todas as classes e grupos sociais, já que a sociedade contemporânea padece de muita desigualdade e pobreza estrutural, o mesmo cuidado é necessário com relação ao contraste de uma escola que pode estar bem estruturada e atendendo a contento às elites, mas que se mostra deficiente em relação ao atendimento dos setores populares e de parte das classes médias.

Há, portanto, no dizer de Tedesco (2001), um déficit de função socializadora da escola e da família, isso porque as outras agências socializadoras do mundo atual, como a TV e as mídias sociais (sem ignorar as diversas religiões tradicionais e emergentes), ganham cada vez mais espaço, mas não são capazes de substituir a escola e a família. Uma das razões refere-se à incapacidade de essas agências substituírem a carga afetiva que há no processo de socialização praticado pela família e pela escola. Isso talvez ajude a explicar o movimento conservador que atinge a política, em vários cantos do planeta, em que governantes incorporam agendas de costumes em seus programas de governo e, não raro, fazem menção a Deus como aliado da governança.

Os meios de comunicação, por sua vez, apresentam ou disponibilizam uma avalanche de conteúdo, de boa e má qualidade, sem qualquer processo hierárquico ou planejado de como essas informações chegam ao público em geral e particularmente às crianças e jovens. Os conteúdos são tratados a partir de abordagens diversas e sem qualquer forma de controle de pré-

requisitos ou sequencialidade. Ademais, além da quebra do processo socializador realizado pela escola e a família, um dos principais impactos na escola é a perda do monopólio do saber.

A perda da exclusividade da escola enquanto agência de saber e o enfraquecimento da escola e da família como agentes de socialização contribuem para se repensar a ideia de coesão social em um mundo como este atual, que se distancia cada vez mais do mundo vivido por Emile Durkheim no final do século XIX e início do século XX. O individualismo como o grande inimigo do coletivo continua presente e continuará a ser uma forte ameaça a uma vida coletiva vigorosa e coesa, sendo que atualmente as novas tecnologias de interação se apresentam como fortes aliadas no processo de fragmentação individualizante. Aliás, não se pode negar que as redes sociais aproximam pessoas ao mesmo tempo que as afastam e isolam. A esse respeito, Zygmunt Bauman também manifestou preocupação com a questão. Em tom pessimista, aos noventa anos de idade (em 2016), ao comentar a questão do pertencimento quando tratava do tema comunidade e rede social, afirmou que no mundo digital “é possível adicionar e deletar amigos e controlar as pessoas com quem você se relaciona. Isso faz com que os indivíduos se sintam um pouco melhor, porque a solidão é a grande ameaça nesses tempos individualistas” (QUEROL, 2016).

O individualismo, enquanto liberdade do indivíduo para fazer escolhas e tomar decisões, é um princípio proclamado pelas revoluções burguesas, no entanto, tratava-se, naquele momento, de dar ao indivíduo o direito do livre pensar e do livre empreender em contraposição ao mundo obscuro e despótico dos séculos precedentes. Entretanto, nos dias atuais o individualismo corresponde a formas de viver que enfraquecem os laços grupais e coletivos e que, portanto, continua a representar uma ameaça à coesão social. As redes sociais muitas vezes contribuem para que as pessoas se isolem e diminuam a interação presencial, conforme alertou Bauman.

Ademais, atualmente o individualismo tem também forte relação com escolhas morais e com estilo de vida exclusivo, conforme opções do agente ou do grupo de agentes sociais. Um exemplo desse estilo de vida é o ensino domiciliar (*homeschooling*), que tem sido reivindicado por grupos de famílias reticentes em liberar seus filhos para a interação coletiva fora de seus controles diretos.

Mas se a escola de ontem não serve para hoje, se a solução não é acrescentar mais do mesmo, jogar luz no mundo atual e procurar compreender a face social de um mundo obviamente movido pelos interesses econômicos, mas que se revela cheio de incertezas e fluidez, é um grande desafio.

Voltando às preocupações de Tedesco (2001, p. 37), agora com suas próprias palavras:

Na situação típica do século XIX, a escola era uma continuação da família em tudo o que se referia à socialização moral e aos estilos de vida. A escola transformava a criança naqueles aspectos que fortaleciam a coesão social: adesão à nação, aceitação da disciplina e dos códigos de conduta. Nesse processo, a criança passava de uma instituição de coesão a outra instituição de coesão, nas quais vigoravam as mesmas categorias: sequência e hierarquia [...]. No século XX, no entanto, a família modificou-se muito mais do que a escola. Entre a família de hoje e a do final do século passado [ref. XIX] há uma distância enorme.

Diferentemente da família, Tedesco afirma que as transformações da escola são muito menos significativas quando se contrapõe o cenário atual ao cenário do século XIX, a despeito da avalanche tecnológica difusa em todas as dimensões da vida social. Com efeito, a mística de uma escola organizada e disciplinada não passa de mera formalidade diante dos desafios do mundo atual.

Ao mesmo tempo que a escola não tem mais o monopólio do saber, já que outras fontes, como o Google e o Youtube, estão disponíveis facilmente, isso certamente exige um novo papel do professor, que atue muito mais como mediador do conhecimento do que “dono” do conhecimento.<sup>4</sup>

Uma das consequências dessa relação de autoridade do professor com o aluno é a quebra da ligação vertical entre mestre e pupilo (ou mesmo de senhor e servo) em face da horizontalização relacional que nem sempre parece bem resolvida. As inovações pedagógicas tentam resolver estes problemas com novos recursos e propostas didáticas, mas ainda há barreiras a serem transpostas.

## CONCLUSÃO

Os desafios impostos à escola em face da crise do sistema tradicional, tendo como maior sintoma o déficit de socialização em face de outros agentes socializadores que atuam com base em uma lógica societária bem diferente daquela que fez nascer a escola moderna há três séculos, estão colocados e talvez longe de ser resolvidos.

Isso não significa uma encruzilha a ponto de radicalmente se concluir que a escola moderna não serve para o mundo pós-moderno, mas que é a escola que precisa entender a sociedade e não o inverso, de modo que não se trata de oferecer mais do mesmo, como querem os mais conservadores. A erosão dos pilares da sequencialidade e hierarquização (decorrente das novas tecnologias de informação e entretenimento) impõe um novo modelo de escola, que talvez até já exista de forma isolada e eficaz para situações particulares.

---

<sup>4</sup> Sobre isso não há como não citar o trabalho de Jacques Delors: “Educação: um tesouro a descobrir, relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI”.



Assim como a escola de ontem não serve para hoje, a sociedade de hoje não é, e não será, a mesma de ontem. Esse ajuste entre escola e sociedade ainda está por acontecer, ou talvez seja um processo que será sempre inacabado, pois sobre isso a função homogeneizadora da escola, como concebeu Durkheim, talvez deva ser repensada em face de um mundo em que minorias sociais silenciadas clamam por direitos formais e por protagonismo, de modo que o almejado coletivo homogêneo e a realidade das diversidades são dois lados de uma mesma moeda. Da mesma forma, a centralidade da escola deverá se ajustar a uma sociedade multifacetária em que talvez não haja mais espaço para que uma instituição tenha os mesmos pilares que tivera antes.

## **REFERÊNCIAS**

FURLANETO, *Audrey*. "Resistir às incertezas é parte da educação", diz Edgar Morin. **O Globo** [on line], 7 jun. 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/resistir-as-incertezas-parte-da-educacao-diz-edgar-morin-23723035>. Acesso em: 20 jul. 2022.

QUEROL, RICARDO DE. As redes sociais são uma armadilha. *El País* [on line], 8 jan. 2016. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2015/12/30/cultura/1451504427\\_675885.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2015/12/30/cultura/1451504427_675885.html). Acesso em: 20 jul. 2022.

TEDESCO, Juan C. **O novo pacto educativo**. São Paulo: Ática, 2001.